

CAPITAL SOCIAL E PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO

CÍNTIA VIVIANE VENTURA DA SILVA¹; ELCIO ALTERIS DOS SANTOS³

¹ *Universidade Federal de Pelotas – cintiavvs@gmail.com*

³ *Universidade Federal de Pelotas – elcioalteris@hotmail.com*

1. INTRODUÇÃO

Neste trabalho foi objetivado analisar as condições de trabalho e ambientes ocupacionais através da ótica do conceito de capital social. O capital social “diz respeito a características da organização social, como confiança, normas e sistemas, que contribuam para aumentar a eficiência da sociedade, facilitando as ações coordenadas (PUTNAM, 2000, p. 177)”.

Vários autores comprovaram a relação entre variáveis referentes à qualidade de vida e bem estar social e capital social. Democracia e capital social (BAQUERO e SANTOS, 2007; SANTOS et al., 2008), capital social e Sistema Único de Saúde (BASTOS, SANTOS e TOVO, 2009), capital social e desempenho institucional público (SANTOS et al., 2010), capital social e empoderamento (PASE, 2010), entre outros, foram temas de estudos que comprovaram que havia relação entre a capacidade dos indivíduos de confiarem uns nos outros, capital social, e variáveis diretamente ligadas à questões de qualidade de vida e bem estar social.

A hipótese, nesse trabalho, é que em regiões com menores índices de capital social, ou seja, onde as pessoas confiam menos umas nas outras, as condições ocupacionais sejam mais insalubres e haja uma maior precarização do trabalho.

Foram analisados dados de duas cidades no Rio Grande do Sul: Pelotas, no sul do estado, e Caxias do Sul, localizada na serra gaúcha.

2. METODOLOGIA

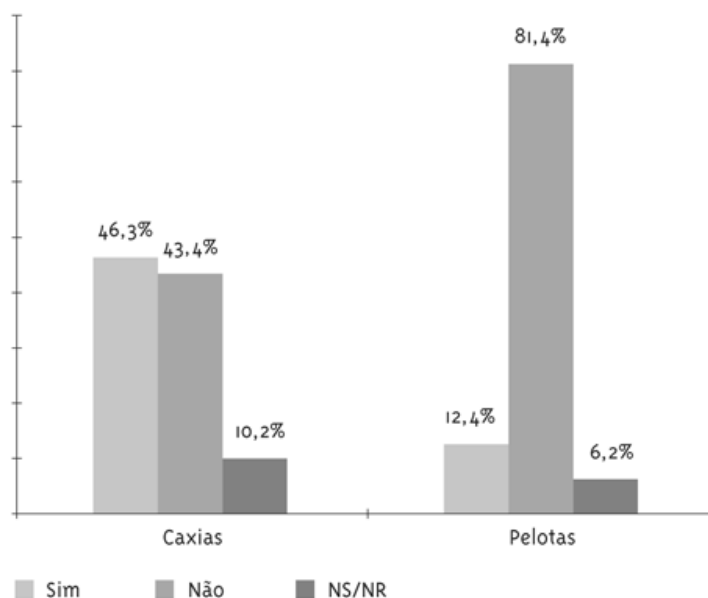
Para realização deste trabalho foi revisada a literatura pertinente ao tema e conceitos. As cidades estudadas foram escolhidas por serem dois pólos de grande importância econômica e cultural para o estado do Rio Grande do Sul, onde se inserem. Os dados referentes ao índice de capital social foram embasados em Bastos, Santos e Tovo (2009). Em um segundo momento foi realizada pesquisa e análise dos dados do Tribunal Superior do Trabalho (TST, 2010) e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010). Foram pesquisados e tabulados dados de índices ocupacionais e referentes ao trabalho em duas cidades do Rio Grande do Sul: Pelotas e Caxias do Sul. Os dados foram comparados e cruzados buscando estabelecer ou não a existência de relação entre capital social e precarização do trabalho.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na cidade de Caxias do Sul há maior concentração de capital social quando comparada com Pelotas (BASTOS, SANTOS e TOVO, 2009). Como nos mostra o gráfico a seguir, 46,3% dos caxienses declaram confiar nas pessoas

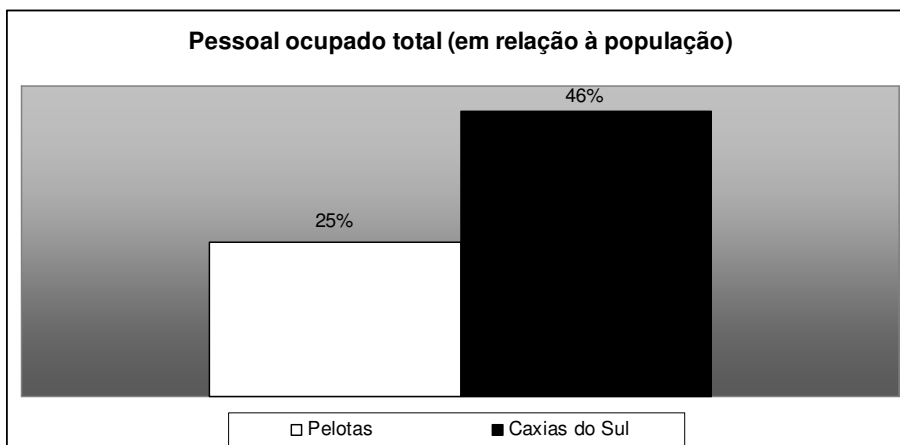
contra 12,4% na cidade de Pelotas. O índice de “não confia” em Pelotas é de 81,4%, enquanto que em Caxias do Sul esse índice é de 43,4%.

Confiança interpessoal

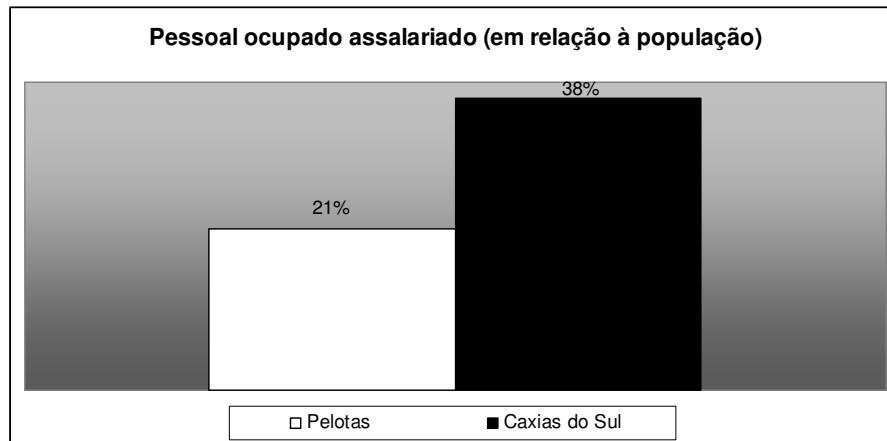


Fonte: Bastos, Santos e Tovo (2009, p. 185)

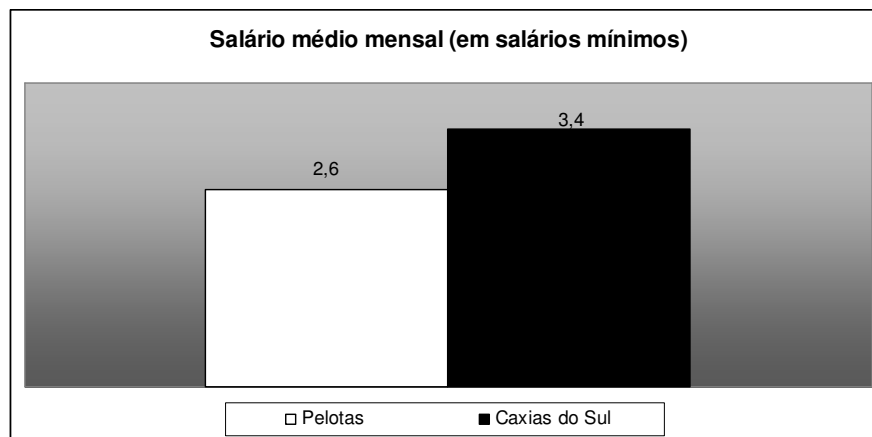
Os dados referentes aos índices ocupacionais apontaram que em Caxias do Sul há mais pessoas alocadas em alguma ocupação do que na cidade de Pelotas. Em Pelotas 25% da população está em alguma ocupação enquanto que em Caxias do Sul este valor sobe para 46%.



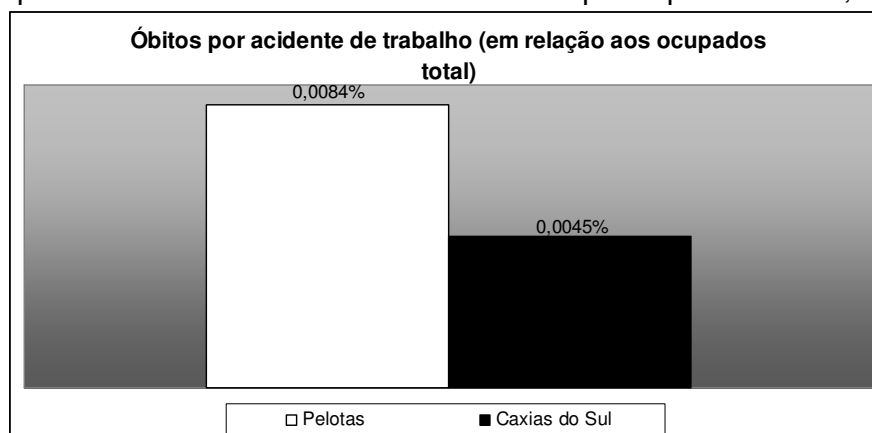
Em relação às ocupações assalariadas também Caxias do Sul tem maiores índices do que Pelotas. Na cidade da serra o percentual é de 38% enquanto que em Pelotas o índice cai para 21%.



Quando analisamos os dados referentes ao salário médio mensal foi observado que em Pelotas a média é de 2,6 salários mínimos mensais. Esse valor aumenta em Caxias do Sul, onde alcança 3,4 salários mínimos mensais.



Os dados de óbito por acidente de trabalho foram mais altos em Pelotas do que em Caxias do Sul. Na cidade do sul do estado o índice de óbitos por acidente de trabalho (percentual de mortes por total de ocupados) foi de 0,0084% enquanto que em Caxias do Sul esse número cai quase pela metade, 0,0045%.



A cidade de Pelotas, com menores índices de capital social, apresentou também menores índices de pessoas em ocupações, menores índices de pessoas em ocupações assalariadas, média mensal de salário mais baixa e maior índice de morte em acidentes de trabalho.

Entende-se que, ainda que haja muitas características e índices do mundo ocupacional a serem pesquisados e estudados, e esse é nosso futuro objetivo, esse trabalho traz algumas problematizações acerca da confiança interpessoal, na sociedade como um todo, e sua relação com a precarização do trabalho.

De uma forma geral, onde encontramos maiores estoques de capital social, também encontramos melhores condições de trabalho como média salarial maior e menor índice de óbito por acidente de trabalho.

4. CONCLUSÕES

Com baixo estoque de capital social, os indivíduos não se organizam, não se agrupam, não articulam coletivamente lutas para melhoria nas condições de trabalho. Trabalhando cada um individualmente e sem interagir na forma de produção e de vida do outro, acabam à mercê dos desígnios das empresas.

Empresas onde os dirigentes possuem baixo índice de capital social, possuem um olhar mecanicista em relação ao trabalhador, enfatizando unicamente a importância da produção e do lucro, estabelecendo metas cada vez maiores, e analisando os operários como “recursos”. Possuem maior dificuldade em se colocar no lugar do outro e desenvolver empatia pelas pessoas que trabalham em suas linhas de produção.

Desta forma, atingido pela falta de capital social do empresário, pela falta de capital social de seus colegas e pela sua própria falta de capital social, o indivíduo se encontra em situações primárias em relação à sua saúde, à sua qualidade de vida e ao seu bem estar social.

É premente estudos nessa área, possibilitando cada vez mais a elucidação dos fatores que levam à exploração e à precarização do trabalho. Desta forma, poderemos estar pensando e buscando políticas públicas e/ou estratégias que visem uma melhor qualidade de vida e bem estar social ao trabalhador, bem como a produção e fomentação de capital social na sociedade em geral.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASTOS, Francisco Avelar; SANTOS, Everton e TOVO, Maximiano Ferreira. Capital Social e Sistema Único de Saúde (SUS) no Brasil. **Saude soc.** [online]. 2009, vol.18, n.2, pp. 177-188. ISSN 0104-1290.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Informações sobre os municípios brasileiros**. 2010. Disponível em <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/uf.php?lang=&coduf=43&search=rio-grande-do-sul>> Acesso em 11/10/2013 20:34.

PASE, Hemerson Luiz. Capital social e empoderamento. In: Rosangela Schulz. (Org.). **Ensaio de sociologia e política**. Pelotas: Editora da UFPel, 2010, v. , p. 111-132.

PUTNAM, Robert. **Comunidade e Democracia**. A experiência da Itália moderna. Rio de Janeiro: FGV. 2000.

SANTOS, E. R. ; BAQUERO, M. . Democracia e Capital Social na América Latina: Uma Análise Comparativa. **Revista de Sociologia e Política**, v. 28, p. 221-234, 2007.

SANTOS, E. R. ; BITARELLO, J. ; PEDDE, V. ; MONTARDO, S. . Contrastes Regionais que fazem Diferença no Rio Grande do Sul. Capital Social e Desempenho Institucional. **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional**, v. 6, p. 157-187, 2010.

SANTOS, E. R. ; PEDDE, V. ; VISCARRA, S. ; SILVA, C.V.V. . Democracia e Capital Social no Rio Grande do Sul. **Política & Sociedade**, v. 7, p. 331-359, 2008.

TST. Tribunal Superior do Trabalho. **Estatísticas Municipais**. 2010. Disponível em <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/uf.php?lang=&coduf=43&search=rio-grande-do-sul>> Acesso em 11/10/2013 20:02.